

ENTRADA LIVRE
SEGUNDAS-FEIRAS, 20H30

CINEMA PORTUGUÊS / VOL.III

SELEÇÃO DE FREDERICO CORADO

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 22 DE DEZEMBRO, DE 2025 - 20H30



"A Passagem da Noite", de Luís Filipe Rocha

Realização: Luís Filipe Rocha; Argumento: Luís Filipe Rocha; Assistente de realização: José Aragão, Maria João Matos Silva; Direcção de fotografia: Edgar Moura; Decoração: Ana Louro; Assistente de decoração: António Lima; Guarda-roupa: Maria Gonzaga; Música: Luís Cília; Montagem: Antonio Pérez Reina; Som: Carlos Alberto Lopes; Montagem de som: Miguel Martins; Efeitos sonoros: Manolo Corrales; Misturas: Branko Neskov; Produção: Paulo Branco; Direcção de produção: Fernando Centeio; Chefe de produção: Sérgio Baptista

Com Leonor Seixas (Mariana), João Ricardo (Vitor), João Pedro Vaz (Salvador), Maria João Falcão (Teresa), Cristóvão Campos (Luís), Maria D'Aires (Maria), Pompeu José (José), Maria Rueff (Cláudia), Luísa Salgueiro (Celeste), Cecília Guimarães (tia de Salvador), Fernando Heitor (professor de Filosofia), Paula Pedregal (professora de Português), Ana Bustorff (professora de História), John Jesus Romão (Jorge), Luís Areias (aluno 2), Teresa Faria (cliente do talho), Fernando Centeio (agente 1), Elsa Galvão (assistente social), Virgílio Castelo (Delegado do Ministério Público), Rogério Samora (advogado), Luís Lucas (juiz), Cristina Cavalinhos (enfermeira), Fátima Moreira (empregada de café)

Duração: 95 minutos; Estreia: 30 de Maio 2003

Nove meses no inferno

A aproximação faz sentido, e não deixa de ser uma relativa raridade na obra do realizador. Se exceptuarmos (por razões óbvias) os filmes sobre Jorge de Sena ("Sinais de Vida") ou na sua obra baseados ("Sinais de Fogo"), de 1995, não será muito fácil chegar a uma aproximação directa entre quaisquer dois outros filmes de Luís Filipe Rocha, cineasta para quem, normalmente, um filme se decide nele mesmo, não se prolongando, ou sequer ecoando, noutros. Coisa que nem sequer é desmentida por "A Passagem da Noite", filme cuja orgânica interna é em tudo diversa da de "Adeus, Pai" - para não falar do título que Rocha assinou entre os dois, "Camarate" (2001), logicamente um objecto muito diferente.

"A Passagem da Noite" é, sobretudo, a história de uma personagem dotada de uma impressionante obstinação: uma miúda de 17 anos que engravida depois de ter sido violada, e numa solidão contra tudo e contra todos consegue atravessar os nove meses subsequentes ("a passagem da noite") sem que ninguém à sua volta se aperceba do facto.

Essa obstinação da personagem é a dimensão mais interessante do filme e o que ele tem de mais notável, mérito da interpretação "animal" de Leonor Seixas. É uma personagem acossada que vive o acossamento sempre para a frente, sem nunca ceder apesar das tentações para o fazer; e que leva essa obstinação a tocar as raias da perversão (o modo como até nega ter sido violada servirá, pelas voltas do argumento, para fazer com que o violador seja acusado de um crime muito mais pesado).

Infelizmente há coisas a mais no filme - excesso de detalhe, excesso de personagens -, coisas que nunca são muito bem resolvidas e que, em última análise, acabam por limitar um filme que tinha um núcleo cheio de potencial. Se ainda há uma justeza de tom no retrato dos pais da rapariga (Maria d'Aires, no papel da mãe, consegue mesmo conferir uma interessante

complexidade a uma personagem que muito facilmente podia cair no estereótipo), há depois uma miríade de personagens secundárias que nunca chegam a ter um corpo sólido e pouco mais fazem do que dispersar o filme, fazê-lo andar para os lados.

Não é, de facto, um filme narrativamente muito económico; perguntamo-nos por exemplo se haveria alguma verdadeira utilidade nas sequências que mostram o violador no "antes" e no "depois" da violação (até porque tudo isso, mais para a frente, volta a ser explicado). Mesmo a personagem do agente da polícia judiciária, que num registo de permanente desafio/apoio é o principal companheiro da rapariga durante o seu calvário, nunca chega a ter uma dimensão à altura do estatuto que, no papel, deveria ter. Assim como é discutível a necessidade da tão palavrosa voz "off" (é o polícia que conta a história) para estruturar a narrativa.

Sem pormos em causa ainda algumas opções pontuais (aquele "raccord" da violação para as iscas, ai!), diríamos apenas que "A Passagem da Noite" é um filme que falha por excesso, ou que falha pela incapacidade de organizar eficazmente a multiplicidade de elementos com que quer lidar. Fica uma personagem forte e, noutro plano, a vontade de esboçar um olhar realista sobre o universo contemporâneo dos adolescentes (sub)urbanos da classe média.

Luís Miguel Oliveira

Público



Filmografia de Luís Filipe Rocha

"Rosas de Ermera" (2017), "Cinzento e Negro" (2015), "A Outra Margem" (2007), "A Passagem da Noite" (2003), "Camarate" (2000), "Adeus, Pai" (1996), "Sinais de Fogo" (1995), "Amor e Dedinhos de Pé" (1991), "Sinais de Vida" (1984), "Cerro maior" (1980), "A Fuga" (1977), "Barronhos - Quem Teve Medo do Poder Popular?" (Curta - 1976)



"Os Gatos Não Têm Vertigens", de António-Pedro Vasconcelos

Realização: António-Pedro Vasconcelos, Argumento: Tiago R. Santos, Assistente de realização: João Sales, Bernardo Almeida, Direcção de fotografia: José António Loureiro, Operador de steadycam: Leandro Silva, Direcção de arte: João Torres, Guarda-roupa: Os Burgueses (Eleutério&Mia), Música: Luís Cília, Montagem: Pedro Ribeiro, Assistente de montagem: José Carlos Teixeira, Manuel Carrilho, José Maria, Daniel, Som: Vasco Pedroso, Branko Neskov, Montagem de som: Elsa Ferreira, Efeitos sonoros: Aleksandra Stojanovic, Vladan Nedeljkovic, Produção: Tino Navarro, Administração de produção: Carla Silva, Direcção de produção: Sandra Alves, Chefe de produção: Rui Pimenta

Com: Maria do Céu Guerra (Rosa), João Jesus (Jó), Fernanda Serrano (Luísa), Ricardo Carriço (Daniel), Nicolau Breyner (Joaquim), Tiago Delfino (Fintas), Victor Gonçalves (Alberto), Joana Barradas (Tita), Miguel Santiago (James), Gustavo Alves (Gui), Eva Barros (Sara), António-Pedro Vasconcelos (editor), Elsa Valentim (Eunice), Joana Manuel (mãe de Jó), Jorge Silva (Ricardo), Francisco Ferreira (irmão de Jó), Renato Godinho (traficante), Adérito Lopes (homem multibanco), Joaquim Leitão (sem-abrigo), Joaquim Nicolau (serralheiro), Pedro Lamares (vizinho de Rosa), Afonso Pimentel (médico), Teresa Schmidt (enfermeira), Melchior dos Reis (velho no cacilheiro), Duarte Grilo (empregado café Cacilhas), Vânia Naia (empregada café moderno), Sofia Leite (mãe de Fintas), Raul Atalaia (Bastos), Ivo Alexandre (cliente mãe de Fintas), Ana Lúcia Palminha (empregada lar), Adelaide João (vizinha r/c), Mariema (dona

mercearia), Sara Barros Leitão (rapariga das fotocópias), Dinis Evangelista (médico no baile), Elisabete Pedreira (mulher no baile), Pedro Galhano Faíña (homem no bar), Maria Hernâni (mulher no bar), Bruno Rossi (empregado no café), Nuno Mendes (voluntário Vida e Paz), Paula Soler (voluntária Vida e Paz), Miguel Sopas (empregado casa penhores), Tino Navarro (gerente casa penhores)

Duração: 124 minutos; Estreia: 25 de Setembro de 2014



Este “Os Gatos Não Têm Vertigens” surge assinado por António-Pedro Vasconcelos, um dos cineastas que desde sempre procurou fazer filmes que dialogassem com o público, autor de um dos melhores exemplos de um cinema popular e inteligente feito entre nós, O Lugar do Morto, e que nos últimos anos se tem batido incansavelmente pela produção nacional. Só que o problema do cinema português não é ser demasiado “de autor” nem é ser insuficientemente “popular”; é apenas que a bitola pela qual ele se mede está constantemente em movimento, e o padrão que os últimos grandes triunfos do cinema português instalaram como bitola está na origem do equívoco. Filmes como O Crime do Padre Amaro, 7 Pecados Rurais ou Morangos com Açúcar, que fizeram números ao nível dos maiores blockbusters americanos, não são filmes, mas sim produtos audiovisuais de formato televisivo; e como os programas de maior audiência na televisão portuguesa são as novelas de produção nacional, vá de achar que a solução para o cinema português está em fazer televisão para grande ecrã.

É por isso que é penoso ver um cineasta tão estimável, e um dos poucos que sabe o que é filmar para cinema, a atolar-se sem apelo nem agravo com Os Gatos Não Têm Vertigens. É uma tentativa de melodrama clássico que tinha tudo para ser, no mínimo, interessante, e que parte de uma excelente premissa: a solidão de Rosa, uma idosa que acaba de perder o marido e cuja vida de repente parece perder o rumo. Maria do Céu Guerra é extraordinária no papel desta mulher que já não se revê no mundo que a rodeia, e que encontra o sentido que a sua vida perdeu quando se torna numa espécie de “fada madrinha” de um jovem desafortunado que encontra refúgio no telhado do seu prédio, ajudando-o a pôr-se outra vez de pé depois de ter sido literalmente descartado por todos os que o rodeiam.

O problema surge ao fim dos primeiros 20 minutos: o melodrama da indignidade de envelhecer numa sociedade que já não vê utilidade nos mais velhos (com alguns toques atentos, como a relação gélida com o genro) colide de frente com a história pretensamente dickensiana do órfão desafortunado, que alinha sem o mínimo pudor lugares-comuns banais de telenovela formulaica, onde os bons são muito bons e os maus são muito maus mas tudo se resolverá no final. Como se fazer um filme só sobre esta Rosa, personagem de corpo inteiro, de carne e osso, que tem uma história e uma gravidade ausentes de tudo o resto, não fosse suficiente para ir buscar o público, vá de juntar ao deus-dará bonecos sem alma desenhados a traço grosso, que cumprem uma simples função narrativa para chegar do ponto A ao ponto B. E a que nem um cineasta capaz de muito melhor do que isto consegue emprestar chama ou alma, apesar de uma intrigante entrada com um plano de steadycam que faz pensar em Scorsese - mas talvez por isso a decepção com o que se lhe segue seja ainda maior. Mesmo com uma imperial Maria do Céu Guerra, Os Gatos Não Têm Vertigens é mais uma acha para a fogueira do equívoco que insiste em confundir “popular” com “popularucho”, “acessível” com “condescendente” - e incapaz de o transcender. **Jorge Mourinha**

Público, 25 de Setembro de 2014





Filmografia de António Pedro Vasconcelos

“Km 224” (2022);
“Parque Mayer” (2018);
“A Voz e os Ouvidos do MFA” (doc, 2017);
“Amor Impossível” (2015);
“Os Gatos Não Têm Vertigens” (2014);
“A Bela e o Paparazzo” (2010);
“Call Girl” (2007);
“Milú, a Menina da Rádio” (doc, 2007);
“Os Imortais” (2003);
“Jaime” (1999);
“Aqui D’El Rei!” (1992);
“O Lugar do Morto” (1984);
“Oxalá” (1980); “Cantigamente” (série TV, 1976);
“Emigrantes... e Depois?” (1976);
“Adeus, Até ao Meu Regresso” (1974);
“Perdido por Cem” (1973);
“Fernando Lopes Graça” (1971);
“A Indústria Cervejeira em Portugal” (curta doc, 1967).

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 29 DE DEZEMBRO DE 2025

CINEMA PORTUGUÊS Vol.III - Sessão Dupla, 20H30 (entrada livre)

“AL BERTO”, de Vicente Alves do Ó (2017)

“O PALÁCIO DE CIDADÃOS”, de Rui Pires (2025)